

## A notícia pra TV – cartografia do conteúdo e do roteiro de ensino em telejornalismo<sup>1</sup>

**Edileuson ALMEIDA<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Roraima (UFRR)  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

### RESUMO

O artigo é um estudo de caso que reflete sobre a “sala de aula” da disciplina de telejornalismo. A partir da definição de conteúdo, referências, métodos e atividades avaliativas, apresenta-se o quadro de desenvolvimento teórico-prático das aulas na primeira fase da disciplina (Telejornalismo I), com ênfase no encaminhamento de proposta de produto audiovisual (reportagem para TV ou para Web, Documentário...) para posterior desenvolvimento na segunda fase da disciplina (Telejornalismo II). Com duração total de 120 horas/aulas, divididas em dois semestres, o ensino de Telejornalismo é parte obrigatória da integralização curricular do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

**Palavras-chave:** UFRR; Jornalismo; Telejornalismo; Ensino/Aprendizagem; Roteiro

### Questões preliminares (e provocativas)

A disciplina de Telejornalismo, concentrada na fase final do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (6º e 7º semestres), costuma provocar um misto de ansiedade e pânico em quem, ao longo dos semestres anteriores, não teve a oportunidade de fazer uso da câmera e do microfone. Mesmo estudantes que fazem da televisão o seu cotidiano – quase sempre na turma, alguns já atuam ou atuaram no campo televisivo profissionalmente – a sala de aula provoca um estranhamento.

O cenário coloca em evidência uma infinidade de questionamentos – destacaremos alguns, principalmente, sobre os quais nos debruçaremos ao longo do texto – do tipo: “Como atuar numa sala de aula com alunos experientes e leigos?”, “Considerando o idealismo da ementa da disciplina (pesquisa e experimentalismo) e o realismo das exigências do mercado profissional (formatos e linguagens padronizados), que conteúdos e padrões devem subsidiar o dia a dia na sala de aula?”, “Como promover a participação discente nas fases de produção da notícia televisiva (pautar, produzir, entrevistar, reportar, editar, apresentar...)? E quanto as ferramentas e ao suporte técnico na produção? São questões de aspectos técnicos e metodológicos, como também de conteúdo programático, e sobre as quais pretendemos refletir, considerando-as entre as que mais inquietam os docentes e discentes de telejornalismo. O artigo busca apontamentos para estas questões, baseado em duas premissas: a adequação do conteúdo programático e das referências bibliográficas às necessidades de cada turma e a utilização de atividades reflexivas/práticas permeando o roteiro da disciplina.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 5 a 9/9/2016.

<sup>2</sup> Professor de Jornalismo (UFRR) e Doutorando em Comunicação (UFSM). edileuson.almeida@ufrr.br

Por isso, ambas são partes indissociáveis do cotidiano do ensino de Telejornalismo. Entretanto, as possíveis respostas, assim como os questionamentos dos quais emergem, são, do mesmo modo provocativas, no sentido de fomentar o debate sobre as propostas de formação de telejornalistas no âmbito dos cursos de Jornalismo. E para isso, é prudente levar-se em consideração que se instala, na sala de aula, um paradoxo. Ao tempo que a pesquisa e o experimentalismo, na proposta acadêmica, são ingredientes norteadores das práxis, numa acepção marxista – a “atividade humana que transforma a sociedade e a natureza, transformando, ao mesmo tempo, o sujeito que a exerce” (Dicionário Marxista) –, o destino profissional dos egressos exige uma prática que impõe à formação um caráter utilitário-pragmático, vinculada à necessidade imediata, ou seja, centrada numa lógica de mercado.

A proposta do artigo é explicitar como o desenvolvimento da disciplina, transitando nesse paradoxo, é desenvolvida ao longo de dois semestres, construindo-se e se desenvolvendo com a dupla proposta de transitar entre o ensino/experimentalismo proposto pela academia e a prática com foco nas necessidades do mundo do trabalho.

O artigo e o desenvolvimento da disciplina seguem os mesmos desdobramentos. Entretanto, aqui, para a concepção, o desenvolvimento e o desfecho da temática seguimos com o foco no ensino, com ênfase inicial na ementa e nas referências, ou seja, na rota (o que é proposto na ementa) e nos roteiros (o que a realidade propõe, o que temos e com o quê trabalhamos, por exemplo). Num segundo momento, a partir do roteiro proposto é feita uma cartografia do conteúdo (disponibilidade, seleção e adaptação das referências bibliográficas e complementares) e também do método adotado no cotidiano da disciplina (discussão dos textos, atividades teórico-práticas e avaliativas, etc.). Para o desfecho do artigo trataremos de alguns resultados obtidos – e algumas lacunas –, cujas contribuições tem ajudado no ajuste e adequação da ementa da disciplina aos desafios contemporâneos, nos campos da pesquisa e da experimentação, como também à realidade do mercado profissional de Jornalismo em Roraima.

### **Telejornalismo: objeto de ensino e aprendizagem**

Como saber integrante do curso de Jornalismo, a disciplina de Telejornalismo necessariamente condiciona um processo de formação para a sua pesquisa e também para a sua prática. De modo geral, duas grandes concepções pedagógicas são predominantes no sistema educacional. A primeira é a tendência escolanovista, cujo centro de preocupação é com “o como ensinar” (eixo didático), com origem remota a Grécia antiga e consolidação a partir da idade média até o século XIX, agrupa principalmente as correntes tradicionalistas;

a segunda é a tendência renovadora, com preocupação no “como aprender” (eixo da aprendizagem) que vai constituir-se ao longo do século XX.

Ainda no século XX, com trabalhos contemporâneos, um psicólogo americano, Carl Rogers, e um educador brasileiro, Paulo Freire, apresentaram suas concepções pedagógicas, ambas com ênfase no eixo da aprendizagem, portanto de tendência renovadora. Em comum entre Freire (1967) e Rogers (1973) está a palavra liberdade. Em ambos, a liberdade é um conceito-chave.

Segundo o pensador brasileiro Paulo Freire (1967) a educação é uma prática de liberdade e a palavra, mais que um “dado”, ela “[...] é sempre, e essencialmente, um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura” (WELFFORT in FREIRE, 1967, p. 5). Ou seja, na concepção freiriana, a educação está ligada à libertação, alimentada por um diálogo que conscientiza e constrói o conhecimento. A dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. Para Freire (1967), cada palavra é geradora de uma série de outras. As “palavras geradoras são aquelas que, decompostas em seus elementos silábicos, propiciam, pela combinação desses elementos, a criação de novas palavras” (Freire, 1967, p. 111).

Com base na combinação entre a liberdade de transitar pelo conteúdo e o diálogo desencadeador dos elementos que compõe o mosaico telejornalístico, a prática pedagógica busca a diferenciação a partir não apenas dos conteúdos que fazem parte do processo formativo, mas também da forma como estes conteúdos são abordados. Ou seja, assim como os objetivos, métodos, processos e instrumentos tecnológicos, os conteúdos não podem ser utilizados de forma padronizada como também não devem ser utilizados sempre da mesma forma. Trata-se de uma reestruturação que não se limita apenas aos assuntos teóricos, mas também se aplicava aos espaços físicos e aos materiais didáticos, os quais deveriam estar em constante reorganização e mudança.

Em relação aos materiais didáticos, não é possível promover uma educação problematizadora, conforme Paulo Freire propunha, se o educador se limitar ao uso dos livros e as aulas se reduzirem ao estudo da bibliografia básica. Seguindo a dica de Freire, além das referências bibliográficas, as disciplinas de Telejornalismo I e II, são complementadas com a análise de entrevistas, filmes, documentários, realização de palestras etc. São recursos que ajudam a fomentar debate em torno do conteúdo da leitura.

Com isso, as disciplinas “fogem” de uma formação chamada por Freire (1979a) de “educação bancária”, que se baseia no processo de transmitir conhecimentos, como se os

alunos (futuros profissionais, no caso da formação superior) fossem “depósitos” de ideias/informações, numa concepção acumulativa da educação.

Para Paulo Freire, a verdadeira educação ocorre a partir da dialogicidade, num processo de comunicação mútua entre as partes, onde o educador também está sendo constantemente educado, e os educandos também educam, pois a educação não é somente um conteúdo a ser aprendido, alheio à realidade. Todo indivíduo possui uma história, um conhecimento que a vida e a prática lhe ensinaram. E qualquer que seja a prática educativa que não leve em consideração o indivíduo como um sujeito histórico e que não considere a realidade em que o mesmo está inserido, não corresponde à educação proposta por Freire (1979a).

O professor fala da realidade como se esta fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos e previsível; ou então, fala de um tema estranho à experiência existencial dos estudantes: neste caso sua tarefa é “encher” os alunos do conteúdo da narração, conteúdo alheio à realidade, separado da totalidade que a gerou e poderia dar-lhe sentido. Assim, a educação passa a ser “o ato de depositar”, no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita. Em lugar de comunicar, o professor dá comunicados que os alunos recebem pacientemente, aprendem e repetem. É a concepção “acumulativa” da educação (concepção bancária) (FREIRE, 1979a, 41).

A educação bancária corresponde àquela tradicional visão de que o processo educativo é uma via de mão única e o educador passa/transmite, enquanto o aluno deve apenas receber. Infelizmente, ainda é a realidade em muitas instituições de ensino. Freire (1979a) defende uma educação problematizadora, fundamentada sobre a criatividade e estimulando uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, reconhecendo os indivíduos como seres históricos, em que a teoria e a prática críticas tornam como ponto de partida a historicidade do homem.

Para Freire (1996) ato de ensinar requer algumas exigências, quais sejam: consciência do inacabamento; o reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia do ser do educado; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção de que a mudança é possível; e curiosidade.

Com isso, defendemos que a formação em telejornalismo deve seguir a concepção de Paulo Freire, para que haja mudança nos profissionais que estão a se formar. Para tanto, é preciso um método ativo, é preciso um diálogo crítico e criticista. É preciso adequar o conteúdo programático e usar técnicas diferenciadas. E, dentre estes conceitos, o mais

importante é o diálogo, pois, sem o diálogo, não é possível haver mudança ou qualquer outra ação ou outro conceito que deveria estar presente no processo formativo (FREIRE, 1979b).

O diálogo tem uma concepção interessante em Freire (1979b, p. 39):

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de ‘empatia’ entre ambos. Só ali há comunicação. O diálogo é, portanto, o caminho indispensável.

No ensino de jornalismo, mas especificamente de telejornalismo, o diálogo também é imprescindível. Não aquele diálogo em que um fala para o outro, mas sim o diálogo comunicativo, em que um fala com o outro.

Quanto à aprendizagem, três tipos são mais evidentes: a cognitiva, a afetiva e a psicomotora. Na cognitiva a aprendizagem para ser garantida depende que o indivíduo seja capaz de mentalmente armazenar o que aprende. A afetiva é resultado da relação direta do indivíduo com as suas experiências. E a psicomotora aposta no treino e na prática como caminho da aprendizagem. Numa abordagem de origem humanista, ao defender a aprendizagem “pela pessoa inteira”, isto é, aquela “que transcende e engloba os três tipos gerais (cognitiva, afetiva e psicomotora)” de aprendizagem, encontra-se o psicólogo norte-americano Carl Ransom Rogers, como a principal referência da linha humanística.

A partir da sua experiência profissional, ele desenvolve a “terapia centrada no cliente”. Para Rogers, as pessoas têm dentro de si a capacidade de descobrir o que as está tornando infelizes, mas só o ser humano é capaz de provocar as mudanças na sua própria vida. Mas para isso, é preciso “liberdade para aprender”.

Para Rogers (1973, p. 160) a aprendizagem é o principal objetivo da educação e deve ser centrada em dez princípios. Inicialmente tomaremos duas como referência: a primeira diz que “os seres humanos têm natural potencialidade de aprender”. De acordo com Rogers “esta potencialidade e desejo de aprender, descobrir, ampliar conhecimento e experiência, podem ser libertados pelas condições apropriadas”; a segunda diz que “a aprendizagem significativa” só acontece quando o indivíduo relaciona o que está sendo estudado com “os seus próprios objetivos”. Para Rogers “uma pessoa só aprende significativamente aquelas coisas que percebe implicarem na manutenção ou na elevação de si mesmo”.

Ao ensino cabe apenas a função de “facilitação da aprendizagem significativa”, um papel que Rogers considera a parte menor do processo. “Ensinar é, ao meu ver, atividade relativamente sem importância e enormemente supervalorizada” (ROGERS, 1973, 109).

Na perspectiva rogeriana já "possuímos conhecimentos bem consideráveis das condições que, em relação à pessoa como um todo, estimulam a aprendizagem auto-iniciada, significativa, experimental, em nível de profundidade" (*op. cit.*, p.111), o papel docente é o de facilitar a mudança e a aprendizagem. Para que ocorra a "facilitação da aprendizagem significativa", o facilitador [professor] e o aprendiz devem ter de fato uma relação pessoal, afinal ambos são sujeitos reais, mas não pode prevalecer o ponto de vista "superior" do professor sobre o quê o aluno deve saber ou o quê o curso deve oferecer.

Com isso, Rogers ressalva que a iniciação de tal aprendizagem não se baseia nas habilidades de ensinar de um líder, no seu conhecimento erudito do campo, no planejamento do currículo, no uso de subsídios audiovisuais, na programação do computador utilizado, nas palestras e aulas expositivas, na abundância de livros, embora tudo isso possa, uma vez ou outra, ser empregado como recurso importante. "Não, a facilitação de aprendizagem significativa baseia-se em certas qualidades de comportamento que ocorrem no relacionamento pessoal entre o facilitador e o aprendiz" (ROGERS, 1973, p. 111). Queremos ou não, Rogers nos faz questionar sobre a preparação do facilitador para o desempenho da função.

### **Ementas e referências: rota e roteiro**

O estado de Roraima, criado pela Constituição Federal de 1988, fica no extremo norte do país, faz fronteira com os estados do Amazonas e Pará e os países da Venezuela e da Guiana, tem pouco mais de 225 mil km<sup>2</sup>, 15 municípios e quase meio milhão de habitantes (Censo, 2015). O curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima foi o terceiro curso da área implantado na região Norte, começou a funcionar em abril de 1991. Na região o curso de Jornalismo pioneiro foi criado na Universidade Federal do Amazonas (1969) e o segundo foi o da Universidade Federal do Pará (1976).

O primeiro Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) da Universidade Federal de Roraima foi implantado em 1991, em 2003 uma comissão foi nomeada para reformular o PPP. A segunda versão do projeto entrou em vigor no primeiro semestre de 2004.

Em 2013, com a determinação das novas diretrizes curriculares do curso de Jornalismo, uma nova versão do projeto foi iniciada, entrando em vigor a partir do segundo semestre de 2015.<sup>3</sup> A terceira versão do PPP tem uma carga horária total de 3.020 horas,

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Edileuson. Comunicação e Pesquisa na Sociedade Digital: A Produção Científica em Jornalismo na UFRR (1991-2006). Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2007) – Santos – SP. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0931-1.pdf>, acesso em 10jul2016.

sendo 2.400 horas de carga horária das disciplinas (são 38 disciplinas obrigatórias e duas disciplinas optativas, com duração de 60 horas cada uma), 200 horas são destinadas ao Estágio Curricular Supervisionado (20h por semana), outras 300 horas às Atividades Complementares (extensão, pesquisa, eventos científicos, monitoria..) e 120 horas são destinadas ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Monografia ou Projeto Experimental). Anualmente são ofertadas 45 vagas para ingresso no curso de Jornalismo (24 vagas pelo Enem/Sisu, 16 vagas pelo Vestibular e cinco vagas pelo Vestibular para Indígenas). O ensino de Telejornalismo ocupa uma carga horária de 120 horas, sendo ofertada em dois semestres (Telejornalismo I e Telejornalismo II), com duração de 60 horas. Em cada semestre são realizados 15 encontros semanais, cada um com duração de quatro horas. Ver no Quadro 1 ementário das duas disciplinas:

**Quadro 1 – ementário das disciplinas de Telejornalismo I e II**

<b>Telejornalismo I (60 horas)</b>	<b>Telejornalismo II (60 horas)</b>
A disciplina promove a prática de reportagem, de edição e de produção em telejornalismo. Análise de notícia na televisão e evolução da linguagem telejornalística. A notícia na televisão: o processo de produção. O texto na TV, objetividade, a relação texto e imagem. O telejornal. A edição no telejornalismo. Os elementos de linguagem audiovisual. O Jornalismo na TV: definição e conceitos. O telejornal, suas funções e métodos de produção. A pauta em TV. A entrevista em TV. A reportagem de telejornal. Princípios, equipamentos e prática. A postura na reportagem e na apresentação do telejornal. Exercícios práticos. Linguagem e lógica de produção dos telejornais. Análise teórica e prática do noticiário de TV. Impacto do telejornalismo na sociedade.	A disciplina trabalha as práticas jornalísticas em emissoras de televisão. Postura na frente da câmera. Produção e pauta para telejornal. Formas de notícias em telejornal. Técnicas de ancoragem de noticiário. Espelho e script. A escalada: caminho para audiência. Execução da reportagem especial e/ou documentário em televisão. Avaliação e atuação nas etapas de pesquisa, planejamento, criação do roteiro, produção, edição e finalização. Noções de estúdio de Tv e utilização de equipamentos. Discute o processo de comunicação na televisão brasileira. Passos envolvidos na preparação de telejornais: produção, edição, realização, montagem. Telejornalismo na Tv aberta, por assinatura e Webtv. Telejornalismo na era da Tv Digital. Telejornalismo on-line.

Fonte: PPP de Jornalismo, UFRR/2015 – disponível em: <<https://ufr.br/comunicacao/>>

O ementário é o documento norteado das disciplinas, o mesmo é acompanhado de bibliografias recomendada (básica) e complementar. Após consulta ao acervo disponível na biblioteca da UFRR, então é definida a bibliografia a ser utilizada (ver Quadro 2).

**Quadro 2 – Referências Bibliográficas utilizadas em Telejornalismo I e II**

<b>Telejornalismo I (60 horas)</b>	<b>Telejornalismo II (60 horas)</b>
<b>Bibliografia Utilizada</b>	
BONNER, William. Jornal Nacional: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009 CHRISTOFOLETTI, Rogério e MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). Observatórios de mídia: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008, p.95-114. HOINEFF, Nelson. A nova televisão - desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996 LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005 MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000.	BONNER, William. Jornal Nacional: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009 HOINEFF, Nelson. A nova televisão - desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996 MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000. NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999. REZENDE, G. J. de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995	SQUIRRA, Sebastião. Leitura de Imagens. In: LOPES, Dirceu Fernandes e TRIVINHO, Eugênio. Sociedade mediática: significação, mediações e exclusão. São Paulo: Ed. Universitária Leopoldianum 2000, p. 105-127.
PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2006.	SQUIRRA, Sebastião. A Esgrima da Edição em Telejornalismo. In: LOPES, Dirceu Fernandes, SOBRINHO, José Coelho, PROENÇA, José Luiz. Edição em jornalismo eletrônico. São Paulo, EDICON, 2000.
REZENDE, G. J. de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.	VIZEU, Alfredo. Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.
LOPES, Dirceu Fernandes e TRIVINHO, Eugênio (orgs.). Sociedade mediática: significação, mediações e exclusão. São Paulo: Ed. Universitária Leopoldianum 2000.	
LOPES, Dirceu Fernandes, SOBRINHO, José Coelho, PROENÇA, José Luiz (orgs.). Edição em jornalismo eletrônico. São Paulo, EDICON, 2000.	
YORKE, Ivor. Jornalismo diante das câmeras. São Paulo: Summus, 1998.	
VIZEU, Alfredo. Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.	

Fontes: PPP de Jornalismo, UFRR/2015 e Roteiro de aulas (2016.1)

A bibliografia utilizada é definida com o detalhamento dos conteúdos que serão tratados. A partir do ementário e da bibliografia é preparado o plano de ensino das duas disciplinas. No referido documento, além da ementa e das referências bibliográficas, são especificados os objetivos, os conteúdos programáticos, a metodologia e os instrumentos avaliativos. Com a rota proposta pelo plano de ensino da disciplina um novo documento é elaborado. O roteiro de aulas é o esmiuçamento detalhado das aulas que serão ministradas ao longo dos 15 encontros semanais. O roteiro é o planejamento prévio de como o conteúdo será ministrado na sala de aula. Para cada encontro então são definidos o conteúdo, os textos de subsídios e as atividades teórico-práticas (avaliativas e/ou complementares). Todavia no primeiro encontro, quando a ementa da disciplina e as referências bibliográficas, o plano de ensino e o roteiro de aulas são apresentados, também é o momento para o diagnóstico preliminar da turma. Nesta etapa, o roteiro é ajustado, tomando como parâmetro as expectativas e os conhecimentos acumulados pelos discentes.

Apesar de serem oferecidas 40 vagas semestrais, em média, são matriculados 20 discentes em Telejornalismo I (a disciplina é ofertada no 6º semestre, sem pré-requisito)<sup>4</sup> e 15 discentes em Telejornalismo II (a disciplina é ofertada no 7º semestre). A baixa procura tem a vantagem de permitir um trabalho mais individualizado, ao considerar o desafio às limitações técnicas (equipamentos inadequados, incompletos e em número reduzido; estúdio e laboratório de edição inadequados e em funcionamento parcial), bibliográficas (referências disponíveis são incompletas e desatualizadas), operacionais (falta de suporte técnico

<sup>4</sup> O fato da disciplina ser ofertada semestralmente e, ainda, de não ter pré-requisito, possibilita aos discentes de outros cursos da instituição cursarem a disciplina como optativa e aos discentes do curso de Jornalismo a cursarem Telejornalismo já a partir do primeiro semestre.



qualificado e permanente), entre outras, que impõe a criatividade e a motivação como fatores determinantes para o êxito da disciplina.

### **Cartografia do roteiro: conteúdo e método**

A seleção e disponibilização do conteúdo das disciplinas são realizadas previamente, mas estão sujeitas à ajustes no percurso. A metodologia também é influenciada pelo diagnóstico da turma que, invariavelmente, é composta de discentes com e sem experiência em Telejornalismo, além de discentes de outros cursos que participam da disciplina como optativa. O conteúdo é desenvolvido levando em questão essas especificidades. Em momentos distintos são necessários adiantamento de conteúdos para os discentes com experiência em Telejornalismo, assim como revisão de conteúdos para os discentes inicialmente na prática do Telejornalismo.

Todavia o conteúdo é planejado obedecendo uma sequência em que os discentes iniciantes são introduzidos em etapas, ao tempo em que os discentes com experiência têm a oportunidade de refletir, numa perspectiva acadêmica, sobre suas práticas profissionais, propor formatos e experimentar linguagens. Numa cadência entre a reflexão sobre o papel do Telejornalismo (a partir das referências bibliográficas) e as atividades experimentais desenvolvidas (laboratório, estúdio e externa), a disciplina segue basicamente quatro fases: Pauta e produção; linguagem (quadros e ângulos) e movimento (horizontal, vertical, panorâmico e zoom) em notícias para TV, Web e documentário; postura (reportagem, entrevista e apresentação); edição (decupagem, script e montagem).

No semestre são realizadas leituras dirigidas e comentadas de textos, utilização de recursos audiovisuais (Datashow, câmeras, microfones, etc.) e são realizadas atividades escritas: texto para off (texto gravado e ilustrado com imagens), sonora (“termo que se usa para designar uma fala da entrevista” [PATERNOSTRO, 2006, p.220] e stand-up (“quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. Normalmente, ele está de pé, em primeiro plano, e permanece no vídeo durante todo o boletim ou flash”, [Idem, p.221]; “O *stand-up* consiste numa comunicação direta com a câmera - e por meio dela com o público.” [YORKE, 1998, p.87]) e práticas (gravação de imagens, de stand-up com e sem sonora, apresentação, entrevista, narração em off, edição e montagem de reportagem).

### **O cotidiano: laboratórios e atividades externas**

De modo geral, as disciplinas obrigatórias e optativas são ministradas em dois dias da semana, em encontros de duas horas. Porém, desde 2015, o curso de Jornalismo oferece algumas disciplinas com encontros semanais, cada um com quatro horas de duração. Isso

ocorre nas disciplinas de Telejornalismo I e II, que são oferecidas no sábado pela manhã e na quarta-feira à noite, respectivamente. Ambas são ministradas utilizando a estrutura laboratorial disponível na instituição (laboratório conjugado de redação e edição e estúdio de TV), como também espaços externos (produção externa e visita técnica) e ainda com a realização de atividades avaliativas (escritas e práticas). As aulas e suas respectivas atividades são alternadas entre estes ambientes, colocando o discente em permanente contato com referências bibliográficas sobre a temática e com os equipamentos e softwares necessários à produção de notícias para TV ou para Web.

O roteiro da disciplina privilegia desde a desconstrução da notícia de TV, em busca da relação entre a imagem, o texto e o som, até a realização do produto jornalístico ou documentário para veiculação em TV aberta (TV Universitária) ou TV Web (Portal da UFRR). No primeiro semestre o objetivo é garantir a reflexão sobre o noticiário audiovisual e a experimentação das possibilidades de formatos e linguagens. É uma cadência ritmada pelas referências (bibliográficas e de produções profissionais) e pelas práticas experimentais (atividades de produção, edição e apresentação), adequada as especificidades de cada turma. Portanto, o roteiro é proposto para avançar por etapas, todavia, no caso de discentes com experiência profissional a sequência pode obedecer outra ordem, sem comprometer o conteúdo programático e o seu desenvolvimento.

Nos quatro encontros iniciais da disciplina trata-se sobre o vocabulário da TV, a desconstrução da notícia de TV, os equipamentos e a linguagem audiovisual (planos, enquadramentos, movimentos e ângulos), o formato de telejornal no Brasil e é realizada uma visita técnica a emissora de TV local, com produção e veiculação de noticiários. Os autores YORKE (1998), VIZEU (2005) e PATERNOSTRO (2006) são consultados sobre o glossário do Telejornalismo, ou seja, o vocabulário de termos específicos utilizados no cotidiano da TV. “Nas redações de TV, jornalistas e técnicos adquirem um vocabulário próprio com termos específicos relacionados às operações do dia-a-dia.”, observa Vera Iris Paternostro (2006, p.191), uma das principais referências em texto para TV. Adiante são apresentadas as orientações para a realização da primeira atividade avaliativa, a decupagem de uma notícia para TV. Individualmente, uma reportagem (off, sonora e passagem) é desconstruída, separando-se seus principais elementos constitutivos: a imagem (quadro, movimento e ângulo), o texto (relação com a imagem de ilustração) e o som (off, passagem, sonora e ambiente). Segundo Yorke (1998, p.14), na observação/desconstrução do script (roteiro) de uma reportagem “dois pontos que devem ser destacados: (1) as palavras complementam as imagens, sem competir com elas ou descrever o que o público pode ver por si mesmo; (2) o

tamanho das sentenças varia, às vezes estendendo-se por mais de uma tomada.” Ambos refletem o objetivo da atividade, que posteriormente ajudará na reflexão e construção do script de reportagem que será realizada em Telejornalismo II.

Os principais equipamentos de produção de noticiário de TV (câmera, microfone, tripé e fone de ouvido) são apresentados e disponibilizados para manuseio desde o encontro inicial visando a realização das atividades de linguagem audiovisual (quadros, movimentos e ângulos) e de gravação de boletim informativo individual. Portanto, antes de participar da visita técnica à emissora de TV, cada discente já dispõe de referências sobre o vocabulário da TV, a linguagem audiovisual, a construção e os formatos de notícia para TV e a “prática” de captação de imagens e gravação de informativo.



Discentes de Telejornalismo I – Linguagem audiovisual: quadros, movimentos e ângulos



**Visita técnica** – Rede Amazônica/Roraima (Globo). Na primeira foto: sala de redação/produção com a chefe de Jornalismo de plantão, Evilene Paixão (a direita, em pé); na segunda foto, com a apresentadora/editora, Lidiane Oliveira (sentada), o coordenador do Núcleo de Rede, Edumar Ferreira (em pé, ao lado da apresentadora), o apresentador de Esportes, Ricardo Amaral (terceiro da direita para a esquerda) e a editora-chefe de Jornalismo, Ayslane Carvalho (ao lado do apresentador); na terceira foto: na ilha de edição.



**Visita técnica** – Rede Amazônica/Roraima (Globo). Na primeira foto os discentes no estúdio da emissora; na segunda foto, com a editora-chefe de Jornalismo, Ayslane Carvalho (em pé, à esquerda) e o coordenador do Núcleo de Rede, Edumar Ferreira (de camisa branca, à direita); na terceira foto, com a chefe de Jornalismo de plantão, Evilene Paixão (em pé, a esquerda) e o cinegrafista de estúdio (de boné).



**Visita técnica** – Rede Amazônica/Roraima (Globo). Na primeira foto, discentes acompanham do estúdio programa ao vivo; na segunda, acompanham a exibição do programa vivo da sala de produção.

A pauta e a produção são dois temas introduzidos na sequência. De forma individual cada discente elabora uma pauta que será trabalhado nas atividades de stand-up (com ou sem sonora), cabeça/chamada, off e edição. Aos discentes que já produzem conteúdo audiovisual, as atividades são momentos de experimentar novos formatos, para os novatos no audiovisual é a oportunidade de inicializar a produção de notícia com formato e objetivo específicos.

A produção da pauta inicia com a gravação individual de um texto no formato de stand-up, “quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. Normalmente, ele está de pé, em primeiro plano, e permanece no vídeo durante todo o boletim ou flash.” (PATERNOSTRO, 2006, p.221), com 30 segundos. Posteriormente, o stand-up é regravado, incluindo-se pelo menos uma sonora (entrevista), gravada na sequência da fala do repórter. Após a edição o tempo total deve ser de, no máximo, 60 segundos, somados o texto do/a repórter e a resposta da sonora.



**Atividade externa – gravação de stand-up (sem sonora)**



**Atividade externa – gravação de stand-up (com sonora)**

A postura diante da câmera (apresentação, reportagem ou entrevista) leva em consideração as possibilidades de participação do jornalista diante do vídeo, ora como repórter, ora idealizando entrevista ou mesmo na apresentação do noticiário.



**Atividade laboratorial - postura (stand-up e entrevista)**



**Atividade laboratorial – Postura no vídeo (apresentação: dupla sem bancada; individual com bancada).**

Na realização de cada uma das atividades os discentes têm oportunizada a participação em todas as fases de construção da notícia: captação de imagens, elaboração de texto e script de reportagem, gravação de off e de boletim, apresentação, entrevista e edição (montagem).



**Atividade laboratorial** – edição e montagem

Nos encontros finais são esboçados os scripts dos produtos (grande reportagem ou documentário para TV ou Web) que serão elaborados em Telejornalismo II, no semestre seguinte.

Na segunda fase da disciplina (Tele II) são consolidados os conceitos e os formatos, também é elaborado o produto proposto como atividade de conclusão da primeira fase (Tele I). O mesmo é desenvolvido ao longo do semestre e apresentado como atividade de conclusão da disciplina. A linguagem do documentário é tratada na segunda fase da disciplina. O tema é abordado em textos, também com a exibição de documentários de temáticas, formatos e linguagens distintas, além de debates com a participação de profissionais que produzem e/ou dirigem documentários. Outra parte da carga horária é dedicada ao planejamento, produção, edição e apresentação de produto final: grande reportagem, série de reportagens ou documentário para exibição em TV aberta (TV Universitária) ou na web (Portal da UFRR).

### **Metodologia e instrumentos avaliativos**

Os métodos aplicados no cotidiano das disciplinas envolvem a leitura dirigida de referências, que abordam os aspectos técnicos e reflexivos sobre a produção de notícias para a TV e para a Web, atividades práticas e escritas continuadas, visitas técnicas e encontro com profissionais de TV egressos de Jornalismo.

Os instrumentos avaliativos são aplicados ao longo do semestre, ou seja, de forma continuada e complementar. Na turma de telejornalismo I são realizadas onze atividades avaliativas, ou seja, considerando que semestralmente são realizados 15 encontros semanais da disciplina, em mais de 70% das aulas são desenvolvidas atividades avaliativas (elaboração de texto, gravação, edição e montagem de boletins e chamadas, etc.). Em Telejornalismo II são realizadas sete atividades avaliativas, ou seja, em metade das aulas são realizadas

atividades relacionadas a elaboração de pauta (temática, enquadramento, dados e fontes), texto de off, roteiro de reportagem, exercícios de apresentação (estúdio), entrevista (estúdio e externa) e ancoragem (estúdio e externa), edição e montagem de produto final. Em ambas, metodologia e avaliação, são feitas as adequações de acordo com a experiência e o desempenho de cada discente. Em variavelmente em cada turma é comum a participação de alunos com experiência em entrevista e apresentação (gravada e vivo) de produto audiovisual, edição de imagens, operação de câmera. Por isso, a necessidade de considerar as competências discentes e a proposição de ajustes para atender a realidade específica e suas demandas continuadas.

### **Notas finais (em aberto)**

Mesmo considerando o ensino do telejornalismo (ou algo no mesmo sentido, dado a variedade de nomenclaturas adotadas nos diversos cursos de Jornalismo no Brasil) como obrigatório na grade curricular de todos estes cursos, o objetivo aqui não é fazer um estudo comparado interinstitucional ou entre projetos pedagógicos, mas apenas, a partir da descrição de uma rotina docente, elencar oportunidades, desafios e ajustes no ensino da referida disciplina, num determinado curso superior de Jornalismo. Explicitar lacunas, que debatidas em ambientes adequados, estão abertas ao compartilhamento de experiências e práticas docentes e discentes.

Os resultados obtidos são empíricos, sustentados apenas pela manifestação espontânea de discentes. O que eles destacam é a liberdade de transitar pelo conteúdo numa lógica própria, organizando o contato com a disciplina a partir de interesses específicos, o que dá a “segurança” para realizar todas as atividades (captação de imagens e som, realização de entrevistas e apresentação, planejamento e finalização do produto) propostas no semestre e diretamente relacionadas à produção de noticiário para TV. Ao final do semestre, o misto de ansiedade e pânico dá lugar ao desafio e a expectativa para realizar um produto com linguagem audiovisual, fruto do planejamento coletivo para ser elaborado em equipe.

Porém, é de salientar a necessidade de adequações e ajustes na carga horária, no conteúdo e nos recursos técnicos (equipamentos e softwares) que podem contribuir significativamente para a qualificação das disciplinas relacionadas ao audiovisual. No caso da carga horária, as ementas propostas em ambas disciplinas (Tele I e Tele II), que somam 120 horas, podem ser tranquilamente ajustadas num só semestre com duração de 80 horas. Os ajustes nas ementas provocarão a necessidade de repensar a carga horária, e vice-versa; e quanto as adequações, devem ocorrer a cada semestre sempre de acordo com a turma, as demandas e as conjunturas externas.

Sobre os recursos disponíveis (laboratório de edição/redação, estúdio, equipamentos, softwares) ou que devem ser disponibilizados ao Telejornalismo, precisam oferecer praticidade e eficiência. Um estúdio, por exemplo, precisa de câmeras, microfones e iluminação, as atividades de captação de imagens e entrevistas devem dispor de equipamentos portáteis e compactos (câmeras, microfones de lapela, tripé, iluminação portátil, fones), na ilha de edição capacidade dos equipamentos e softwares disponíveis devem ser adequados as suas demandas. A disponibilização de equipamentos antiquados e inadequados, e ainda com a missão de dupla utilidade (estúdio e atividade externa), municiados com softwares desatualizados, desafiam a motivação e a criatividade.

Ao final, apesar de alguns apontamentos, continuam em aberto as questões propostas. Todavia, o mérito do artigo está em fazer parte da provocação do debate sobre as condições disponíveis para a formação profissional, mas especificamente, para a produção de conteúdo audiovisual para veiculação na televisão (aberta, por assinatura, por demanda) ou na internet, em especial, nas instituições de ensino superior.

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Edileuson. **Comunicação e Pesquisa na Sociedade Digital: A Produção Científica em Jornalismo na UFRR (1991-2006)**. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2007) – Santos – SP. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0931-1.pdf>>, acesso em 10jul2016.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979a.
- \_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOINEFF, Nelson. **A nova televisão - desmassificação e o impasse das grandes redes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PPP, 2015, PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- REZENDE, G. J. de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- ROGERS, Carl. **Liberdade de aprender**. Belo Horizonte: InterLivros, 1973.
- YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Curso de Jornalismo. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo**. Boa Vista, RR, 2015.
- VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**. Os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.